



Violência sexual contra a mulher: diálogo fenomenológico

Sexual violence against women: phenomenological dialogue

Ewerton Helder Bentes de Castro
Universidade Federal do Amazonas

Resumo

A violência sexual contra a mulher é um dos fatores de maior incidência na contemporaneidade. A concretização da violência, o ato em si, é vivenciado sob os mais diversos matizes e levado à efeito por desconhecidos ou por pessoas muito próximas. O objetivo deste estudo foi compreender o existir de mulheres submetidas a este tipo de violência em diferentes fases da vida, da infância à vida adulta. É uma pesquisa de caráter qualitativo e utilizou o método fenomenológico de pesquisa em psicologia a partir de entrevista áudio gravada com 05 mulheres e análise embasada no pensamento heideggeriano. Foram elaboradas as seguintes categorias: ocorre o ato violento: à mercê do violentador; sentimentos e sensações experienciados; falar ou não falar com a família: difícil decisão; vivência do enfrentamento: a superação. Conclui-se que diante da magnitude do ato, a dor e o sofrimento impetrados foram superados possibilitando continuar a caminhada.

Palavras-chave: **Violência sexual; Sofrimento; Superação**

Abstract

Sexual violence against women is one of the most prevalent factors in contemporary times. The realization of violence, the act itself, is experienced under the most diverse nuances and carried out by strangers or by very close people. The aim of this study was to understand the existence of women subjected to this type of violence at different stages of life, from childhood to adulthood. It is a qualitative research and used the phenomenological method of research in psychology from an audio interview recorded with 05 women and an analysis based on Heideggerian thinking. The following categories were elaborated: The violent act occurs: at the mercy of the violator; Experienced feelings and sensations; To speak or not to speak to the family: difficult decision; Coping experience: overcoming. It is concluded that in view of the magnitude of the act, the pain and suffering suffered were overcome, making it possible to continue the walk.

Keywords: **Sexual violence; Suffering; Overcoming**

INTRODUÇÃO

A violência, considerada um fenômeno crescente que incide de forma direta e indireta nos distintos domínios da convivência social, tem sido um tema constante no cenário dos debates acerca dos fenômenos sociais. É um dos eternos problemas da teoria social e da prática política e relacional da humanidade e não pode ser apenas caracterizada pela agressão física, mas também pelas violências sexual e psicológica, incluindo agressões verbais, e humilhações, afetando a autoestima e a capacidade de reação e decisão da pessoa agredida.

Desde o início da década de 70, a violência contra a mulher tem recebido crescente atenção e mobilização. O problema inclui diferentes manifestações, como: assassinatos, estupros, agressões físicas e sexuais, abusos emocionais, prostituição forçada, mutilação genital, violência racial, por causa de dote ou por opção sexual. A violência pode ser cometida por diversos perpetradores: parceiros, familiares, conhecidos, estranhos ou agentes do Estado.

A violência contra as mulheres persiste em todos os países do mundo como uma violação contundente dos direitos humanos e como um impedimento na conquista da igualdade de gênero. Dessa forma, a violência contra as mulheres é um grave problema de saúde pública, pois afeta profundamente a integridade física e a saúde mental das mesmas (Clark et al., 2019; Henriksen et al., 2019).

Em estudo realizado acerca da violência sofrida por mulheres em várias partes do mundo, as mulheres relataram ter experimentado violência física e / ou sexual a taxas que variaram de 14% a 17% das mulheres no Brasil, Panamá e Uruguai a mais da metade (58,5%) na Bolívia. A prevalência de violência física e / ou sexual no último ano variou de 1,1% no Canadá a 27,1% na Bolívia. Evidências preliminares sugerem um possível declínio na prevalência relatada de certos tipos de violência em oito países; no entanto, algumas mudanças foram pequenas, alguns indicadores não mudaram significativamente e foi encontrado um aumento significativo na prevalência relatada de violência física no último ano na República Dominicana. O estudo conclui que a violência contra mulheres continua sendo um problema de saúde pública e direitos humanos nas Américas; contudo, a base de evidências possui lacunas, sugerindo a necessidade de evidências mais fidedignas e de alta qualidade para mobilizar e monitorar a prevenção e resposta à violência (Javalkar et al., 2019).

Considerando o exposto, percebe-se que a violência contra mulheres é considerada um dos pontos que merecem atenção urgente, reflexão e articulação social e política (Benebo et al., 2018). Depreende-se que, além de todo esforço que o país adota no combate à violência e a discriminação contra mulheres, através de políticas públicas e assinaturas de acordos, estas ainda funcionam

de maneira lenta. Fato observado no Brasil que, mesmo com a criação da lei Maria da Penha, de combate a violência contra a mulher, ainda assim não é suficiente para coibir a essa prática.

Sandra Azerêdo (2007) ressalta que existe um crescente aumento no número da violência contra a mulher, que inclui várias formas, como violência física, psicológica, estupro, ameaças e desrespeito em relação aos direitos sexuais e reprodutivos, dentre outros. Rosimeire de Carvalho Martins (2010) ressalta que o ato do estupro está baseado na força e no ódio do agressor, uma vez que o ato de estupro não passa de um ato pseudo-sexual, uma conduta sexual baseada na agressão, na violência e no amplo domínio da vítima.

Assim, a temática abordada neste artigo é oriunda de um Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Psicologia e surgiu a partir de experiência vivenciada por um grupo de 5 mulheres que sofreram abuso sexual em uma cidade da região Norte do Brasil. O estudo possibilitou desvelar o sofrimento nos aspectos físico e psíquico e o grau de enfrentamento de cada uma das vítimas, que experienciaram essa situação. Consideramos importante a problemática, tendo em vista que, por ser alto o índice de violência contra mulheres no Brasil, e especificamente o aumento dessa violência na cidade. Busca compreender as vivências destas mulheres deste sofrimento e como reagiram a partir daí, como mobilizaram recursos de enfrentamento e de resiliência.

Aldo Melillo e Néstor Suárez Ojeda Elbio (2005) salientam que o enfoque da resiliência leva a uma reflexão diante das adversidades sofridas por uma pessoa, e que estas têm potenciais e capacidades para crescer a alcançar a saúde e bem-estar. Através dessas capacidades é possível tolerar, manipular e aliviar as consequências psicológicas, comportamentais e sociais. Corroborando com essa aceção Rosimeire Martins (2010) diz que a resiliência é um processo dinâmico, caracterizado por ser construído ou desenvolvido por meio de interações entre o indivíduo e seu meio ambiente e que a ressignificação do trauma vivido pode ocorrer em distintas fases da vida como a infância, a adolescência ou a vida adulta desde que se estabeleça um vínculo de confiança.

CONHECENDO A TEMÁTICA

A violência é um fato que acontece desde a antiguidade. Na sociedade contemporânea esse fenômeno tem se multiplicado, e inúmeras causas tem sido foco de estudos e preocupação. Conforme Rosimeire Martins (2010), sangue, desejo, poder e sexualidade configuram o terror apresentado nos eventos da violência sexual. Destacando o uso da força como prática dessa violência, comumente ocorre contra crianças e contra adolescente, não excluindo as mulheres e ho-

mens. E o descaso de responsabilidade social e precariedade de políticas públicas, assistência social e psicológica afetam a milhares de pessoas que sofrem violência sexual, guardando para si mesmo tal sofrimento.

Pode-se inferir que a sociedade parece tolerante com a violência, uma vez que, esta última foi incorporada ao cotidiano e não nos assustam mais as brutalidades cometidas contra a mulher em vários níveis, ou seja, estão presentes a permissividade, a complacência e a acomodação diante do quadro que vem sendo instaurado há alguns anos (Neves et al., 2014).

A violência sexual contra a mulher tem sido observada em vários países, conforme estudos realizados no Japão (Kataoka & Imazeki, 2018), África do Sul (Field et al., 2018), Reino Unido (Femi-Ajao, 2018), Etiópia (Fekadu et al., 2018), Vietnã do Norte (Nhi et al., 2018), Tanzânia (Mulawa et al. 2018) e Zimbábue (Machisa & Shamu, 2018). Além disso, outros estudos internacionais vêm demonstrando a pluridimensionalidade da temática em questão, tais como: a relação de mulheres com dispareunia sobreviventes de abuso sexual (Granot et al., 2018); sexo não-consensual entre universitários (Zuo et al., 2018); violência entre parceiras sexuais (Sanger & Lynch, 2018) e mulheres com filhos gerados a partir de violência sexual (Atim et al., 2018).

Percebe-se que este tema tem sido amplamente estudado, o que nos possibilita compreender a dimensão que o mesmo atinge, quão grave é a consumação do ato sexual não consensual e o quanto podemos estar trabalhando no sentido de sensibilizar cada vez mais a sociedade acerca do sofrimento e da dor causados à mulher submetida a este tipo de ação.

Mulheres abusadas sexualmente por desconhecidos destacamos a questão do sofrimento psíquico, caracterizado pelo medo da figura do abusador e, pelo forte sentimento de culpa por não poder ter evitado que isso lhe acontecesse. Expressam, muitas vezes, terem sido displicentes com sua segurança, colocando em si toda a culpa pela violência. Assim, a saúde e a qualidade de vida dessas mulheres são prejudicadas, uma vez que a insegurança, medo e dificuldades para dormir são elementos que passam a fazer parte das suas vidas (Atim et al., 2018; Kataoka & Imazeki, 2018; Nhi et al., 2018;).

Outra consequência listada por Rosimeire Martins (2010), é que em alguns casos do abuso sexual ocorre à gravidez e resulta na realização de aborto que, embora seja legalmente amparado, não livra essas mulheres de fortes sentimentos negativos.

O quadro que se instaura após a violência sexual, manifesta-se sob a forma de sintomas como o medo e a perda da confiança e do controle, o estresse pós-traumático, e a somatização que se configuram como o distúrbio do sono, mu-

danças nos hábitos alimentares, mudança drástica no comportamento, inibição ou agitação psicomotora e fobias.

A violência sexual, acarreta uma série de efeitos na vida das mulheres, expressos por meio de uma complexidade de sentimentos, tais como: o trauma emocional, o medo, as sequelas físicas, a insônia, os efeitos colaterais dos medicamentos, a dificuldade em retomar a vida sexual e o trabalho (Oliveira et al., 2005).

Dessa forma, torna-se relevante esse estudo, uma vez que o gênero feminino se torna vulnerável a esse constante perigo, violência que causa danos psíquicos nas vítimas. Além disso, o estudo teve como objetivo compreender o nível de enfrentamento e o grau de sofrimento que tal atitude proporcionou nessas mulheres. Para tanto, foi utilizado o método fenomenológico de pesquisa em Psicologia e como base de análise, o arcabouço conceitual de Martin Heidegger.

METODOLOGIA

O estudo pretendeu compreender a percepção de 5 mulheres vítimas de abuso sexual, sendo 4 ocorridos na infância e adolescência e uma na idade adulta, por meio investigação qualitativa (Minayo, 2014). Os dados foram coletados entre outubro e novembro de 2018, por meio de uma entrevista gravada, em local privado, de acordo com a disponibilidade de cada participante. A cada uma foi atribuído o nome de uma flor, mantendo em sigilo seus nomes verdadeiros.

A pesquisa qualitativa, por meio do método fenomenológico, foi privilegiada no presente estudo pelo fato de ser adequado meio para a compreensão da vivência das participantes do estudo, considerando os parâmetros do método fenomenológico-psicológico (Giorgi & Souza, 2010). Para tanto, foi realizada entrevista áudio gravada com cada uma das participantes, com duração média de sessenta minutos, que partiu de uma questão norteadora: “Fale-me como foi para você a experiência da violência sexual”. Em seguida, foram respeitados os pressupostos para este método, estabelecidos em quatro passos, a saber: 1º passo: **Estabelecer o sentido do todo**: após a transcrição, o primeiro, e único, objetivo foi apreender o sentido geral das falas. Nesta fase, pretendemos apenas ler calmamente a transcrição completa da entrevista, colocando-me na atitude de redução fenomenológica. Não pretendi focar em partes fundamentais, nem colocar hipóteses interpretativas, apenas, busquei a compreensão geral das descrições realizadas pelas participantes. Aqui, o objetivo principal foi obter um sentido da experiência na sua globalidade; 2º passo: **Determinação das Partes: Divisão das Unidades de Significado**: retomei a leitura do material descrito, com um segundo objetivo: dividi-lo em partes menores. A divisão tem

um intuito eminentemente prático. A divisão em partes, denominadas Unidades de Significado, permite uma análise mais aprofundada. Como o objetivo é realizar uma análise psicológica e como a finalidade última da análise é explicitar significados, usa-se esse tipo de análise como critério de transição de sentido para a constituição das partes (unidades de significado); 3º passo: **Transformação da Unidades de Significado em Expressões de Caráter Psicológico**: a linguagem cotidiana da atitude natural dos participantes sofre transformação. A partir da aplicabilidade da redução fenomenológica-psicológica e da análise eidética, a linguagem de senso comum foi transformada em expressões que têm como intuito clarificar e explicitar o significado psicológico das descrições dadas pelos participantes. O objetivo foi selecionar e articular o sentido psicológico da vivência dos participantes em relação ao objeto da investigação. Mantendo a linguagem descritiva, expressei e trouxe à luz significados psicológicos, implícitos nas descrições originais dos participantes. É também nesse momento que a inter-relação entre as partes e o todo sobressai como instrumento metodológico; 4º passo: **Determinação da Estrutura Geral de Significados Psicológicos**: fazendo uso da variação livre imaginativa, as unidades de significado foram transformadas em uma estrutura descritiva geral. A descrição dos sentidos mais invariantes, denominados constituintes essenciais da experiência, contidos nas unidades de significado, assim como das relações que existem entre estes últimos, resulta na elaboração de uma estrutura geral. O importante é que a estrutura resultante expresse a rede essencial das relações entre as partes, de modo a que o significado psicológico total possa sobressair-se. O passo final do método envolve uma síntese das unidades de significado psicológico, ou seja, a elaboração das Categorias Temáticas.

O projeto foi apresentado ao Comitê de Ética e obteve aprovação em reunião do dia 15 de outubro de 2018.

RESULTADOS

São apresentadas a partir deste momento, as categorias temáticas elaboradas na análise das entrevistas realizadas.

Ocorre o ato violento: à mercê do violentador

A violência sexual é considerada um dos atos mais atrozos perpetrados a alguém. Vivenciar uma situação desta natureza e magnitude emocional é mergulhar em um poço sem fundo, é ficar totalmente entregue a uma outra pessoa que coage, limita, humilha, denigre.

Os relatos trazem situações diferentes no que concerne à abordagem. Os dois primeiros são similares, uma vez que, o violentador utiliza do artifício de assal-

to para em seguida, violentar suas vítimas. Com isso, ambas ficam bastante assustadas e culmina por cederam às exigências do violentador e, sob ameaça de uma arma, as mantém na condição de reféns e consuma o ato de violência.

Quando fui abordada ele me mostrou uma arma e algumas balas que estavam em sua mão. Eu disse: moço pode levar a bolsa! Calma! pode levar tudo. Ele disse que não queria minha bolsa, que estava sem grana e que queria fazer um assalto em um hotel no centro, e que depois eu iria embora. Eu disse que estava indo para a faculdade, ele perguntou: que faculdade que nada, vem, vai andando, me acompanha e não faz nada, porque senão eu atiro em você, esta arma está cheia de balas e tenho mais essas aqui! No caminho passou uma ambulância e eu olhei. Ele disse: se passasse algum carro de polícia, ou alguém conhecido, não era pra fazer nada senão iria morrer! Eu estava muito cansada, porque nós andamos lá da Getúlio Vargas até o centro, eu coloquei a minha mão no peito e chorava muito, ele disse: para de chorar e abaixa a cabeça, senão eu vou te matar. E eu implorei para ele não me matar, ele dizia: já pensou o teu pai e a tua mãe, ver teu corpo estendido no chão aqui no centro? Falou que era um ladrão muito conhecido lá no centro, quando chegamos no quarto do hotel, eu disse pronto nós já chegamos, você já entrou, agora eu vou embora! Ele disse: não, tira a roupa! Eu disse: não foi isso que você disse! Ele disse: tira a roupa e pegou a arma, e aconteceu tudo. Depois ele virou a minha bolsa sobre a cama e mexeu tudo viu meus documentos, viu meu nome, viu meus documentos todos, tirou o dinheiro, e o meu celular, ele foi tomar banho e disse que eu tinha que ficar lá no banheiro! Depois saímos do hotel, que ficava lá no centro na rua Lobo D'Almada, e fomos caminhando em direção a parada de ônibus que fica próximo do colégio militar. Ele entrou no ônibus, pagou minha passagem, e durante o percurso, disse que era pra eu não falar pra ninguém o que tinha acontecido. (Girassol, entrevista pessoal, outubro, 2018)

Eu estava indo visitar minha avó que morava perto de casa, eu moro na... eu estava perto da casa dela quando fui abordada. Ele [o violentador] me mostrou uma faca. Eu estava em frente da igreja, a rua estava deserta, e [...] ele disse para eu ir andando e não fazer nada que era um assalto: vai andando! Segurou na minha mão e atravessou a rua, ele disse que estava sem grana. Eu disse: moço, eu não tenho dinheiro! Ele me perguntou se eu tinha cartão de crédito, eu disse que tinha e que poderíamos ir lá na farmácia que ficava próximo na rua que estávamos andando; ele disse: não você mora por aqui! Eu disse: não, minha avô é quem mora! Então ele parou um taxi e disse para que eu ficasse normal e não fazer nada senão ele ia me furar todinha, eu iria morrer, ele disse ao motorista para ir em direção do centro [...] e lá ele me levou para um daqueles hotéis onde ninguém pergunta nada e me violentou [choro convulsivo]. (Jasmim, entrevista pessoal, outubro, 2018)

O próximo relato refere que o violentador foi alguém muito próximo, uma figura significativa [o tio], um parente próximo que, ao que tudo indica, tinha a confiança da família e ficava à espreita, esperando a mãe da criança sair para realizar suas intenções. Não ocorria penetração, o violentador ficava excitado roçando seu órgão genital na genitália desnuda da menina. Esta, por sua vez, assustada, não conseguia esboçar quaisquer reações, ficando inerte diante do que sofrera. Permanecia calada no momento em que ocorria e após esse momento, uma vez que o tio “orientava” no sentido de que não falasse nada para sua mãe.

Esse tio aproveitava quando a minha mãe saía. Então, ele batia na porta e eu vinha atender e aí ele [...], ele [...] saía me levando pro quarto, nossa, nossa [...] família é de meninas, só de meninas, né? E [...] nós tínhamos beliche no nosso quarto. Então, ele me colocava na cama de baixo, tipo assim tapando minha boca pra mim não falar nada e eu não tinha ação de gritar do susto, né? Assustada, não tinha ação de gritar, de falar nada, ficava inerte, e [...] e ele me colocava na cama, levantava minha roupa, tirava minha calcinha e deitava em cima de mim, né? Com [...] com [...] as genitálias só se excitando, não tinha penetração, mas só se excitava, né? e eu ficava ali inerte, embaixo dele, e ele se excitando [...] e depois ele jorrava em cima de mim. Então, isso aconteceu várias vezes e ele dizia pra não contar pra mamãe. (Lírio, entrevista pessoal, outubro, 2018)

O segundo caso relacionado a familiares ocorreu com um primo da menina. Percebe-se na fala que, inicialmente acariciava a menina e em seguida, lhe dava dinheiro para o lanche. Contudo, quando foi chamada para ir ao local onde esse primo trabalhava, o ato sexual violento ocorreu, revoltando-a, principalmente porque o primo saiu falando para outros o que havia ocorrido. Ressalta a violência e a crueldade do estupro ocorrido, sendo jogada sobre o material existente na sala. O agressor estava ensandecido [parecia com raiva, ela expressa], tirou suas roupas e cometeu o ato insano.

Eu tinha doze anos quando aconteceu. Ele [o primo] me chamava para o local de trabalho, eu era pequena e não tinha noção disso. Aí, ele começou a me aliciar, fazer carinho, me dava dinheiro pra merenda! Aí, quando foi um belo dia, né? Aconteceu! Isso me causou muita revolta, muito ódio. Depois que aconteceu, da forma como ele fez e depois que ele fez ainda ir contar pros outros [...] O ato ele [...] eu cheguei um dia lá, ele era telegrafista no correio, que funcionava uma máquina naquela época, hoje é tudo moderno, ele me chamou e pediu que entrasse. Aí, quando entrei, ele começou a me pegar assim [mostra com as mãos tocando seu corpo]. Ele era muito mais alto do que eu. Aí, me jogou num saco de milho, não foi nem na cama. Aí, lá ele foi tirando minha roupa assim, parecia que estava com raiva e aconteceu, eu sangrei muito, doeu, foi horrível e eu saí dali, assim

transtornada, sem saber o que aconteceu, o que vou dizer, como vai ficar a minha vida daqui pra frente! Me limpei e fui pra aula [...] e não consegui estudar. (Orquídea, entrevista pessoal, novembro, 2018)

Com Tulipa, a violência foi no ambiente laboral, onde desempenhava o papel de secretária e o chefe assumiu a posição de violentador:

Bem [...] o que senti no momento, no momento do ato da violência, me senti como [...] um objeto, né? Que você usa e joga fora, porque no meu caso aconteceu no trabalho, é [...] no momento que [...] eu [...] ninguém está preparada pra isso, ninguém sabe quando o mal vai bater na sua porta, e eu tinha só 17 anos, imagina uma pessoa recém casada, né? Vivendo o amor de verdade, três meses de casada e [...] cheia de sonhos e de repente, acontece isso, alguém dentro do teu trabalho, o teu chefe te tranca, te tranca numa sala e te joga numa mesa, rasga tua roupa e te estupra, porque não foi consentido, né? Você tem tua boca tampada, tenta se desvenilhar e não consegue porque ele é muito maior do que você. Foi horrível, simplesmente horrível. Senti dor, sangrei pela violência dele e ainda me ameaçou. Muito difícil e humilhante. (Tulipa, entrevista pessoal, novembro, 2018)

Os discursos das participantes me remetem à essa vivência do inesperado, da surpresa, da sensação de não ter liames onde possam se agarrar para livrarem-se do ataque a que foram submetidas. Sentem-se lançadas em um redemoinho de sensações e emoções tão fortes onde há um misto de raiva, dor, sofrimento, angústia, depreciação.

Esse momento está caracterizado pela violência que oprime, opressa, desrespeita, torna o violentado refém do desejo insano de um outro que, na condição de violentador, utiliza de arma, do conhecimento de que não terá ninguém próximo, uma vez que pertence à configuração familiar e da sua condição de chefe. As pesquisas realizadas em várias partes do mundo afirmam, peremptoriamente, o alto nível de desgaste emocional, o agravo psicológico culminando em quadro que mostra o sofrimento psíquico de quem é submetida a esse tipo de agressão (Atim et al., 2018; Field et al., 2018; Femi-Ajao, 2018; Fekadu et al., 2018; Granot et al., 2018; Kataoka & Imazeki, 2018; Machisa & Shamu, 2018; Mulawa et al., 2018; Nhi et al., 2018; Zuo et al., 2018).

Considerando o constructo *facticidade* que Martin Heidegger (2013) preconiza como as situações inesperadas, as surpresas que tomam o ser de assalto abruptamente, tais quais as que ocorreram com as participantes deste estudo. É um processo gerador de angústia. Pela angústia, que se mostra no temor sentido ante o desconhecido e o incerto, que nos relatos apresentados referem-se ao momento em que foram vítimas de violência sexual por parte de desconhecidos (02 assaltantes) e de pessoas conhecidas (tio, primo e chefe), sentindo-se, na-

queles momentos – o que antecedeu, o momento da violência sendo consumada e depois da agressão – literalmente lançadas em uma profusão de sentimentos e emoções; lançadas em um mundo que não pediram; experiência aviltante que não buscaram. Assim, como nos diz ainda esse autor, a presença, entendida como o ser (humano) que aí está no mundo, depara-se com o seu modo mais próprio de ser que é aquele de cuidar, acautelar-se diante das possibilidades antevistas na abertura ao mundo, a qual se dá em sua facticidade, a de sempre já estar lançada. Lançada, jogada, projetada ao que virá a ser, inclusive o mundo e ela mesma. Portanto, lançada ao desconhecido.

Considerada a pesquisa realizada por Formari et al., (2018) onde é revelado que a maioria das crianças abusadas sexualmente não conseguem relatar o que ocorreu em decorrência do medo, culpa, desconhecimento de serviços de apoio, dentre outros, corrobora com o achado nesta pesquisa, uma vez que, duas sofreram a ação enquanto crianças (8 e 12 anos), outras duas na adolescência (15 e 17 anos) e foram tomadas pelo pavor do que ocorrera, não conseguindo expressar ou mesmo comunicar o que haviam sofrido. Guardaram para si mesmas a vivência do ato que angustia, traumatiza, fere.

Sentimentos e sensações experienciados

O sentir-se lançada nessa situação sem precedentes é evidenciado nos discursos, uma vez que diante da ameaça que sofreram, o receio, o temor de serem mortas como frisam nos dois primeiros discursos, leva ao pensamento de morte, a possibilidade de serem assassinadas se não cedessem à coerção sexual a que foram submetidas. Este é um momento de dor, sofrimento, agrura e desespero.

Porque quando eu fui abordada, né? Que ele falou num assalto, a primeira coisa que pensei foi em Deus, eu disse: meu Deus, tem que me salvar daqui! E assim, é um desespero horrível que a gente sente, porque tu estás sozinha, entendeu? tu pensas no teu pai, tu pensas na tua mãe, tu pensas nos teus irmãos, pensa em tudo, pensa em todos. (Girassol, entrevista pessoal, outubro, 2018)

No momento [pausa] é [...] me senti sem chão, desesperada! É uma sensação terrível, a gente pensa que nunca vai acontecer isso [...] eu [...] queria chorar, meu coração estava acelerado e pensava na minha mãe, no meu pai e pedia a Deus para não me deixar morrer eu [...] eu [...] não queria morrer [choro convulsivo]. [..., ...] ele dizia: pensa no teu pai, na tua mãe, te vendo morta, toda furada. Ele ia andando e falando, me colocando muito medo, meu Deus, foram momentos de terror, parecia que não estava em mim e que aquilo era um sonho [...] um pesadelo [...] eu não acreditava que isso estava acontecendo. (Jasmim, entrevista pessoal, outubro, 2018)

A situação de medo e terror é designativo de origem de trauma:

E eu tinha medo, morria de medo dele, por que ele era enorme, muito alto, ele fazia isso porque é [...] não foi algo mais [...] mais profundo, né? De [...] de [...] penetrar, de abrir as pernas e de fazer violência, então [...] né? [...] só me causou medo e o trauma. (Lírio, entrevista pessoal, outubro, 2018)

Designa raiva, ódio e não entrega a partir dessa situação, o não-ser-de-ninguém, principalmente em decorrência de que outros homens a quem havia sido comentado o fato, buscavam por sua vez, tirar proveito da situação, gerando mais desconforto, mais sofrimento:

E eu ali fiquei presa, porque eu não podia falar pra ninguém, não tive apoio de ninguém, só de Deus! Porque nem buscar a Deus naquele tempo eu sabia, eu nasci no evangelho, me criei no evangelho, mas o Deus que eu conhecia naquele tempo, era um Deus carrasco, tudo era pecado e [...] fiquei presa naquilo, com revolta, com ódio, me tranquei, me isolei, não quis mais saber de ninguém. Acho que nunca amei ninguém, hoje eu tenho certeza que amo a Deus, e sou outra pessoa. Deus fez uma reviravolta, me transformou, mas naquele tempo foi muito difícil pra mim, fiquei falada e com isso os outros [...] os outros homens que ele falava, vinha comigo e diziam se tu não for comigo e não fizer também, eu vou falar pra tua mãe, eu ficava com medo eu tinha muito medo da minha mãe, que foi criada a base (Orquídea, entrevista pessoal, novembro, 2018)

Diante da coerção sexual, a maior mágoa parece ter sido o “deixar acontecer” que ainda hoje, surge como a lembrança do sentir-se incapaz de reação: “deixei acontecer simplesmente e foi horrível, horrível mesmo me senti suja, saí daquele lugar e nunca mais voltei, é vivi durante dez anos, é [...] da minha vida longe, longe é”. (Tulipa, entrevista pessoal, novembro, 2018).

Diante da atrocidade sofrida por estas mulheres, cumpre redimensionar a análise ao constatar que expressam através da linguagem o horror de terem sido submetidas a violência impetrada contra elas. É na linguagem que está a expressividade da dor, do sofrimento, da experiência de desamparo (Heidegger, 2013) e da coerção sexual que vivenciaram (Atim et al., 2018; Femi-Ajao, 2018; Formari et al., 2018).

Percebemos que as sensações concorrem para os mesmos patamares: medo, raiva, desespero. Essas pessoas, mesmo passado tanto tempo em alguns casos (eram crianças 08 e 12 anos) expressam as marcas da violência vivenciada, expressividade similar à de 15 anos, a que relata o ocorrido aos 17 anos e a que já é adulta quando sofreu a ação.

Dado o exposto, o pesquisador tem de ir ao encontro da fala, a fala do discurso. Assim, nessas falas encontram-se expressas todas as dimensões de dor, sofrimento, angústia, vergonha e raiva que as participantes sentiram após a consumação da violência sexual. Percebo aí, nessas falas, a caracterização do ato violento e o ser-no-mundo-tendo-sofrido-violência sexual se manifesta em toda a sua magnitude (Formari et al., 2018; Mulawa, et al., 2018).

Falar ou não falar com a família: difícil decisão

Após o estupro, preocupam-se com outro fato, um momento que se configura como de extrema angústia: ter de falar para seus familiares acerca do ocorrido. Instaure-se o medo, a dor, a vergonha. Contudo, os próximos discursos trazem a condição emocional que se instala nas famílias e que, apesar de todo o sofrimento, são o ponto de apoio para as providências que necessitam ser tomadas.

Eu disse pra eles eu fui assaltada. Eles: o que foi que te levaram? Ah! levaram meu celular. Aí, eles disseram: o que mais? fizeram alguma coisa? foi só isso? Eu disse: não! Aí eu tive que falar pra eles, então essa foi a pior dor assim, porque [...] eu vi que o meu pai ficou sem chão, entendeu, ficou muito assustado foi muito, assim, foi traumatizante, e aí vem assim, né? É [...] eles sofrendo junto comigo, mas querendo mostrar que tava tudo bem [...] principalmente da mamãe, que ela me acompanhava, vai no médico e volta, e tem isso, um monte de coisa assim, então foi muito, foi bom assim, ver o amor deles por mim, porque não tinha assim pastor pra vim ajudar, não tinha tio, tia era muito superficial. (Girassol, entrevista pessoal, outubro, 2018)

Quando eu cheguei [...] cheguei em casa logo contei, primeiro para minha mãe foi [...] foi um momento de dor, muita dor me senti desorientada. Ah! [...] não sei descrever a sensação que senti, é um sentimento de dor indescritível, lembro que me sentia muito desolada, triste, revoltada, e muito preocupada com desespero de minha família. (Jasmim, entrevista pessoal, outubro, 2018)

Contudo, existe o não-falar. E não falar com a família, mostra a dimensão do medo, como na fala de Orquídea: “e eu ali, fiquei presa, porque eu não podia falar pra ninguém, não tive apoio de ninguém”; ou nas falas de Lírio e Tulipa, a seguir:

E [...] eu nunca contei pra ela [a mãe] e pra ninguém. Mas eu tinha medo dele, toda vez que ele vinha, já ficava tremendo, já ficava assustada e ele não [...] ele era normal, ele quando estava na casa da minha mãe, na casa da minha avó, era tudo normal. Esse, dentre outros tios que tinha, mas só esse que fazia esse tipo de coisa e eu não cheguei a ver se ele fazia com as minhas irmãs, nunca foi comentado nada e [...] e eu tinha medo, morria de

medo dele, por que ele era enorme, muito alto, ele fazia isso porque é. (Lírio, entrevista pessoal, outubro, 2018)

Longe até de mim mesma, porque nos momentos que pensava em contar pra alguém, o sentimento de culpa era muito grande e eu não queria expor meu esposo, minha família, né? Você temia, você temia a reação das pessoas e o abandono, e foi muito difícil superar isso, durante esses dez anos, que foi o tempo que me calei e o ódio muito grande. Na verdade, eu chorava toda vez que tinha relação sexual porque a gente lembra, né? E eu lutava pra não transmitir isso para o meu esposo, né? Pra que ele não soubesse, pra que nada interferisse no nosso relacionamento. (Tulipa, entrevista pessoal, novembro, 2018)

Após o ocorrido e diante da possibilidade de comunicar à família, um fenômeno torna-se presente no ato de falar e no ato de não falar, o ser-angustiado. Nesses discursos depreende-se que o ser-no-mundo ao se perceber lançado, jogado em um mundo que não escolheu vivenciar a estrutura configuracional típica do humano, experiencia a angústia (Heidegger, 2013). E, diante da dor sofrida por essas mulheres, o mundo e a vida passam a ser vistos sob outra ótica, a do sofrimento, do medo e da solidão. O sentido é atribuído ao que vivenciaram.

Percebemos que o ato de comunicar à família promove em duas das participantes a certeza do pertencimento. Elas se sentem pertencendo a um *locus* que acolhe, que se mostra presente junto a elas, minimizando a extensão da violência sofrida. Existe a possibilidade de refletir, mesmo diante da preocupação, sobre o ocorrido e, nestes casos, o apoio oferecido pelo grupo familiar – mesmo preocupados – é fator protetivo, gerador de segurança e fortalecimento. Esse movimento faz ir ao encontro do que Rebecca Solnit, em sua obra *A mãe de todas as perguntas*, especificamente no que tange *A uma breve história de silêncio*, em que revela que o contexto mundial tem apresentado que as mulheres têm rompido com a cultura do silêncio, imposta sob várias faces, especificamente a que diz respeito à ordem patriarcal e ao machismo instituído, e revelam as formas como vêm sendo oprimidas, lançando seu grito por justiça (Solnit, 2017).

Precisamos, neste momento, ressaltar que as políticas públicas relacionadas à violência contra as mulheres, considerem a sensibilidade que o ser humano tem para o sentido do emocional, uma vez que, acha-se nele profundamente arraigada. Enfim, diante de quaisquer situações, atribui-se um significado, um sentido acerca do que está ocorrendo (Forghieri, 2011; Heidegger, 2013). E, nas falas das participantes, o sentido atribuído, por um lado, para falar sobre a violência ocorrida, é designativo de dor e sofrimento, mas, redimensionado pela presença firme da família; por outro lado, é de raiva, de nojo, de revolta pre-

sentes no calar. Assim, é necessário que os profissionais da rede de saúde desenvolvam o olhar a partir do não-dito, do olhar que recusa ser notado, do en-simesmamento enquanto refúgio para ficar à distância de determinadas situações, o silêncio que grita.

Vivência do enfrentamento: a superação

A vivência do sofrimento a que foram submetidas é algo que, provavelmente, vai acompanhar estas mulheres enquanto viverem. A dor, a angústia, o sentir-se vilipendiadas em sua condição humana de mulher as acompanhará em sua trajetória.

Contudo, apesar da dor e do sofrimento, da angústia e da revolta, elas conseguem transcender a esses momentos nefastos e se direcionam ao enfrentamento necessário até mesmo para continuar suas vidas. Esse enfrentar se dá a partir do apoio familiar, do retorno ao trabalho, do apoio profissional, do estudo e da religiosidade. Para Girassol, Jasmim e Lírio, as falas mostram a dimensão relativa ao apoio familiar e a importância deste, no caso dos pais e irmãos das duas primeiras e do esposo no caso da terceira. Todas afirmam que esse apoio, esse cuidado empreendido pela configuração familiar as motivou a enfrentar o ocorrido, corroborando com o estudo de Joana Azevedo Lima e Maria de Fátima Pereira Alberto (2016) que também revelam o apoio familiar como fundamental para o processo de enfrentamento.

Eles querendo assim, assim me levantar, me alegrar isso. Foi, isso foi, muito bom, tanto da parte dos meus pais quanto dos meus irmãos, que eles também, é [...] me amaram, cuidaram de mim, ficaram perto, me deram força, é [...] andavam comigo, juntos, não me deixaram sozinha, então isso foi muito importante! (Girassol, entrevista pessoal, outubro, 2018)

Eu via minha mãe e meu pai, meus irmãos me dando apoio. Não me deixavam sozinha e tentavam de tudo para me fazer ficar melhor, isso foi muito confortante ter a atenção e o cuidado. Saber que você não está sozinha, até porque [...] as vezes, muitas mulheres, adolescentes e crianças, passam por esses momentos, não contam pra ninguém por serem ameaçadas. Penso assim [...] foi bom [...]. assim, apesar de todos os momentos ruins de não conseguir dormir sozinha, sempre tive minha mãe, minha família ali do meu lado, sofrendo junto comigo. (Jasmim, entrevista pessoal, outubro, 2018)

Mas aí [...] com [...] com [...] meu esposo já foi assim [...] já tive certo apoio dele. Foi isso que me ajudou a enfrentar e já devido ter [...], ter [...] afetado a minha vida, isso veio já me incomodar através dele, por ele se sentir triste, com certeza. Ele tinha também muitos sonhos, como eu. (Lírio, entrevista pessoal, outubro, 2018)

Outra forma de apoio é o profissional, como relatam Girassol e Jasmim, quando afirmam que a receptividade e o cuidado oriundos dos profissionais do serviço diretamente relacionados a esses casos (SAVIS/SAVAS) foram fundamentais para que o enfrentamento pudesse ser realizado. Estudos têm demonstrado que esse primeiro momento é crucial para que o enfrentar a situação de violência (Oliveira et al., 2017).

Porque eu não sabia direito o que era isso, eu não queria, e aí [...], não! vamos deixar isso pra lá, vamos esquecer, mas aí eles disseram: não! eu nem sabia que existia SAVIS, não sabia, e aí a gente foi na delegacia da mulher, a gente fez a ocorrência, e eles nos encaminhou pra ir no IML. A gente chegou lá, tinha um médico, atendeu, ele foi assim [...] até bem profissional, né? Fez os exames todinho, e depois, no dia seguinte, porque como foi de noite, de manhã ele já mandou pra o SAVIS que era pra começar tomar os remédios. Aí, a gente foi pra lá, e aí, eu tive que contar toda história que tinha acontecido pra médica, tudinho, contei pra ela e aí, tomei um monte de injeção, e aí, ela deu os remédios pra tomar. (Girassol, entrevista pessoal, outubro, 2018)

Hoje, entendo a importância do Savas para essas mulheres que passam por esse tipo de violência, os riscos que sofrem de contraírem AIDS ou mesmo engravidar, é [...] é que no momento se torna um processo muito sofrido, mas são necessários os remédios, o atendimento psicológico que é oferecido sem nenhum custo, é fundamental principalmente para as mulheres e famílias que não tem condição de bancar esse custo. (Jasmim, entrevista pessoal, outubro, 2018)

O estudo e o trabalho são outros elementos trazidos por três participantes, Jasmim, Girassol e Lírio, como recursos para o enfrentamento. Enquanto a primeira foi no sentido de não desistir de concluir o curso superior, momento em que encontrou força para ir além do ato de violência e atualmente desenvolve suas atividades profissionais, sem contudo, esquecer o ato de violência; a segunda, por sua vez, ressalta que está trabalhando e que não existe quaisquer problemas para retornar à faculdade; a terceira, em sua experiência no ensino superior, a solicitação de trabalho acadêmico acerca da violência a fez recordar a situação vivenciada quando criança, contudo, mesmo diante disso, apresentou o trabalho, ou seja, enfrentou o choque em decorrência da temática a ser desenvolvida.

Eu não desisti de ir para a faculdade e concluí o meu curso de direito, tive força para continuar [...] hoje estou formada trabalhando, mas não dá pra esquecer o fato de ter sido abordada um dia por um desconhecido dizendo ser um assalto e ter acontecido tudo isso. (Jasmim, entrevista pessoal, outubro, 2018)

Aí, eu to trabalhando. Preferi ir trabalhar e cuidar da vida. Eu ainda não voltei a faculdade porque eu fiquei em dúvida em que curso fazer. Mas, nenhum problema de trauma de não querer voltar a estudar pelo que aconteceu! (Girassol, entrevista pessoal, outubro, 2018)

Tive que fazer um trabalho na faculdade, quando fiz serviço social, sobre [...] sobre abuso infantil, o índice de abuso infantil é muito grande, com [...], com [...] pessoas que a criança confia, tipo pai, tio, padrastos. Então, as crianças acham que estão protegidas com essas pessoas e de alguma maneira elas são arrancadas, né? São envolvidas nessas situações, pelas pessoas que mais elas amam: pai, mãe! Então isso me chocou, na época que fiz essa pesquisa tive que apresentar esse trabalho com a minha equipe, então são coisas que fazem lembrar, voltar ao passado então! (Lírio, entrevista pessoal, outubro, 2018)

O humano tem como uma de suas características consideradas inatas, a religiosidade e tudo o que está relacionado ao transcendente. As participantes do estudo foram unânimes em afirmar que sua religiosidade/espiritualidade as motivou, mesmo diante do quadro assustador, a seguir adiante. Em todas, a certeza da existência de Deus e o quanto a fé – Girassol, Jasmim – foi porto seguro naquele momento; para uma delas – Orquídea – a certeza de que Deus tinha um propósito para sua vida; Lírio e Tulipa ressaltaram o quanto o perdão foi o que as fez realmente soltar as amarras.

Então! Só Deus que podia fazer alguma coisa, então foi o momento de saber se Deus existia, né? Então, aí eu fui andando, Ele foi me levando, eu fui andando com Ele. Aí, eu pensei assim: Meu Deus, eu vou morrer, eu vou morrer, eu vou morrer, e eu lembrei do salmo que diz assim: ainda que eu andasse pelo vale da sombra e da morte, eu não temerei, e eu disse assim: Senhor, eu sei que estou toda errada. (Girassol, entrevista pessoal, outubro, 2018)

Eu sou católica. Não sou essa católica praticante, não vou a igreja todo domingo, não pertencço a nenhum grupo [...] mas acredito em Deus, acredito que Ele nos protege, e quando eu estava andando com aquele homem eu pensei em Deus e pedi a Ele que não me deixasse morrer. (Jasmim, entrevista pessoal, outubro, 2018)

Mas, eu superei isso devido Deus em minha vida! Foi no encontro que eu coloquei isso pra fora e pedi ao Senhor que queria me libertar disso. Foi quando liberei perdão pra ele, porque eu entendi que tinha isso no meu coração guardado e eu aprisionava essa pessoa e foi no encontro que eu entendi, eu quero ir pro céu e me ver livre dessas amarras que tinha no meu peito, (Lírio, entrevista pessoal, outubro, 2018)

Deus foi tão bom que eu acho que Ele tinha um propósito na minha vida, porque mesmo naquele tempo, Deus me amparou, me guardou, me prote-

geu. Hoje eu cheguei aonde estou. Ele com toda certeza foi quem me amparou, me permitiu chegar até aqui, (Orquídea, entrevista pessoal, novembro, 2018)

É interessante, muito interessante, essa palavra perdão. É quando você libera perdão de fato vem a cura, não vem a justiça, né? Porque quem faz a justiça só é Deus. Mas, pra você, pra tua vida, vem a paz, foi o que senti depois que liberei o perdão, depois de dez anos [...] sabe por que? Você sente a paz interior de saber que Deus é poderoso, né? A espiritualidade dentro de você, essa fé que existe dentro de você, essa força que te proporciona, te impulsiona, né? Pra vencer os obstáculos e mostrar que tudo é possível quando você crê de fato nessa cura, nessa transformação, e o perdão, né? O perdão foi o que refletiu na minha vida. Enquanto eu não liberei perdão pra aquele homem que me machucou, que me abusou, que me ofendeu, né? Eu realmente não conseguia encontrar paz, hoje eu sinto essa paz e essa força! (Tulipa, entrevista pessoal, novembro, 2018)

Formari et al. (2018) revelam a dimensão de vários estudos que realizaram pesquisa acerca da violência sexual contra mulheres onde expõem a dificuldade para o enfrentamento da situação violenta. Carmem Regina Delziovo et al. (2018), Alberto Madeiro et al. (2019) e Joana Azevedo Lima e Maria de Fátima Pereira Alberto (2016) também fazem referência a essa questão e trazem aspectos similares ao encontrado neste estudo.

Ser-com-o-outro (Forghieri, 2011; Heidegger, 2013) torna-se o conceito necessário para realizar a análise destes discursos sobre o enfrentamento da situação de violência vivida por estas mulheres. Quando ressaltam o apoio familiar e profissional, encontram em seus semelhantes a base necessária para seguir adiante. Considerando que o *ser-com* é caracterizadamente o mundo humano, a convivência com o outro, é nesse conviver que a base do enfrentamento da facticidade ocorre.

Ser-no-mundo é ser de Cuidado (Heidegger, 2013). Dessa forma, a família e os profissionais viabilizam esse Cuidar, e em suas falas as participantes se sentem cuidadas, zeladas com desvelo, o que propicia elementos necessários ao enfrentamento e ressurgirem para suas vidas, almejando seguir adiante, buscando deixar o passado no passado e, assim, cuidarem de si próprias e se perceberem como um ser-de-possibilidades.

No que concerne ao trabalho e ao estudo, permito-me dizer que essas mulheres a partir do cuidado, da solicitude direcionada a elas, vivenciam a liberdade de escolha e conseqüentemente a responsabilidade inerente ao fato de optarem por sair do sofrimento que lhes foi impingido e, mesmo à custa de si mesmas e do sofrimento relacionado à situação vivenciada, permitem-se transcender à

facticidade e buscar o que consideram fundamental, ressignificar a relação com o mundo. Trabalho e estudo são fatores em que se ampararam para seguir adiante, possibilitam-se ser autênticas, sendo a autenticidade esse movimento em que liberdade de escolha e responsabilidade se conjugam, dando um novo sentido a suas vidas.

Outro aspecto muito presente em seus discursos e que é basilar para que o enfrentamento seja vivenciado diz respeito à religiosidade. Conforme ressalta Heidegger (2013) a partir desse vislumbre do grande 'Outro' em suas vidas é que reside a esperança, que implica a capacidade de descobrir o sentido único e singular oculto em cada situação. Percebe-se que o sentido religioso é o sentido do todo. Afinal, o humano é um ser emocional. É por meio da emoção que se mantém atento aos sinais que o mundo lhe manda. A emoção é algo pré-reflexivo, cuja leitura coloca a pessoa, a *posteriori*, em posição de atencioso cuidado. Quando o ser não é capaz de entender suas emoções, de conviver com elas, frequentemente, busca, alhures, explicação para aqueles sentimentos dos quais não consegue livrar-se, recorre à religiosidade, possibilitando a transcendência da dor e do sofrimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A humanidade caminha a cada dia a crescentes índices de violências afetando a vida das pessoas, causando prejuízos e deixando marcas irreparáveis, por vezes, de longa duração afetando até a saúde. As mulheres participantes desta pesquisa tiveram suas vidas marcadas física e psicologicamente pela violência praticada nos espaços públicos e/ou privados. Essa adversidade provocou medo, insegurança, e tudo isso modificou tanto a identidade pessoal, como a maneira de ser e estar no mundo.

A pesquisa possibilitou identificar que as mulheres vítimas de violência sexual, enfrentaram essa adversidade a partir de inúmeros elementos, do apoio familiar à religiosidade. Com isso, conseguiram elaborar o sofrimento e dar um novo significado a sua vida, possibilitando seguir em frente.

A pesquisa mostra que a dor, o medo, a vergonha e culpa revelados nos discursos das mulheres vitimadas pôde ser ressignificada, apesar de muitas vezes esses fatores impedirem a denúncia nos órgãos de atendimento às vítimas. Observa-se nas falas das entrevistadas que o crime de abuso sexual contra crianças, adolescentes e mulheres se alimenta do medo das vítimas em denunciar as agressões, por esse motivo é muito difícil obter números confiáveis sobre os casos de abuso sexual.

Pesquisar sobre a ação e o impacto do abuso sexual a saúde mental, física, psicológica e religiosa, permitiu identificar questões relevantes a esse tipo de crime. Vivemos um cotidiano marcado pela violência que acomete grandes centros urbanos, o que reflete nas relações sociais dos moradores. Diante dessa condição, há premência no envolvimento de pessoas, grupos e instituições que estejam comprometidas em pensar estratégias de enfrentamento à violência sexual, além de elaborar iniciativas, diretrizes e concepções que norteiem ações relativas à temática.

REFERÊNCIAS

- Atim, Teddy; Mazurana, Dyan & Marshak, Anastasia (2018). Women survivors and their children born of wartime sexual violence in northern Uganda. *Disasters*, 42(Suppl 1), 561-578. <https://doi.org/10.1111/disa.12275>
- Azerêdo, Sandra (2007). *Preconceitos contra a mulher, diferença, poemas e corpos*. Cortez.
- Benebo, Faith Owunari; Schumann, Barbara & Vaezghasemi, Masoud (2018). Intimate partner violence against women in Nigeria: a multilevel study investigating the effect of women's status. *BMC Women's Health* 18(136). <https://doi.org/10.1186/s12905-018-0628-7>
- Clark, Cari Jo; Ferguson, Gemma; Shrestha, Binita; Shrestha, Prabin Nanicha; Batayeh, Brian; Bergenfeld, Irina; Chang, Stella & McGhee, Susi (2019). Mixed methods assessment of women's risk of intimate partner violence in Nepal. *BMC Womens Health*, 19(1), 20- 28. <https://doi.org/10.1186/s12905-019-0715-4>
- Delziovo, Carmem Regina; Coelho, Elza Berger Salemo; D'Orsi, Eleonora & Lindner, Sheila Rubia (2018). Violência sexual contra a mulher e o atendimento no setor saúde em Santa Catarina - Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(5),1687-1696, <https://doi.org/10.1590/1413-81232018235.20112016>
- Femi-Ajao, Omolade (2018). Intimate partner violence and abuse against Nigerian women resident in England, UK: a cross- sectional qualitative study. *BMC Women's Health*, 18, 123 <https://doi.org/10.1186/s12905-018-0610-4>
- Fekadu, Elfalet; Yigzaw, Getachew; Gelaye, Kassahu Alemun; Ayele, Tadesse Awoke; Minwuye, Tameru; Geneta, Tinsae & Teshome, Destaw Fetene (2018). Prevalence of domestic violence and associated factors among pregnant women attending antenatal care service at University of Gondar Referral Hospital, Northwest Ethiopia. *BMC Women's Health*, 18, 138. <https://doi.org/10.1186/s12905-018-0632-y>
- Field, Sally; Onah, Michael, van Heyningen, Thandy & Honikman, Simone (2018). Domestic and intimate partner violence among pregnant women in a low resource setting in South Africa: a facility-based, mixed methods study. *BMC Women's Health*, 18, 119. <https://doi.org/10.1186/s12905-018-0612-2>
- Forghieri, Yolanda Cintrão (2011). *Psicologia Fenomenológica: fundamentos, método e pesquisa*. Cengage Learning
- Formari, Lucimara Fabiana; Sakata-So, Karen Nami; Egry, Emiko Yoshikawa & Fonseca, R.M.G.S. (2018). Gender and generation perspectives in the narratives of sexually

- abused women in childhood. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, 26, e3078.
<https://doi.org/10.1590/1518-8345.2771.3078>
- Granot, Michal; Yovell, Yoram; Somer, Eli; Ahuva, Beni; Sadger, Ronit; Uliei-Mirkin & Zisman-Ilani, Yaara (2018). Trauma, attachment style, and somatization: a study of women with dyspareunia and women survivors of sexual abuse. *BMC Women's Health*, 18, 29 <https://doi.org/10.1186/s12905-018-0523-2>
- Giorgi, Amedeo & Souza, Daniel (2010). *Método fenomenológico de investigação em psicologia*. Fim do Século
- Heidegger, Martin (2013). *Ser e Tempo*. Editora Universitária São Francisco.
- Henriksen, Lena; Flaathen, Eva Marie; Angelshaug, Jeanette; Garnweidner-Home, Lisa; Smastuen, Milada Cvancarova; Noll, Josef; Taft, Angela; Schei, Berit & Lukasse, Mirjam (2019). The Safe Pregnancy study - promoting safety behaviours in antenatal care among Norwegian, Pakistani and Somali pregnant women: a study protocol for a randomized controlled trial. *BMC Public Health*, 19, 724
<https://doi.org/10.1186/s12889-019-6922-y>
- Javalkar, Prakash; Platt, Lucy; Prakash, Ravi; Beattie, Tara; Bhattacharjie, Parinita; Thalinja, Raghavendra; Sangha, Chaitanya Tadegatuwa M; Ramanaik, Satyanarayana; Collumbien, Martine; Davey, Calum; Moses, Stephen; Jewkes, Rachel; Isac, Shajy & Heise, Lori (2019). What determines violence among female sex workers in an intimate partner relationship? Findings from North Karnataka, south India. *BMC Public Health*, 19, 350 <https://doi.org/10.1186/s12889-019-6673-9>
- Kataoka, Yaeko & Imazeki, Mikiko (2018). Experiences of being screened for intimate partner violence during pregnancy: a qualitative study of women in Japan. *BMC Women's Health*, 18, 75 <https://doi.org/10.1186/s12905-018-0566-4>
- Lima, Joana Azevedo & Alberto, Maria de Fátima Pereira (2016). Urgências psicológicas no cuidado às mães em casos de abuso sexual intrafamiliar *Estudos de Psicologia*, 21(3), 337-347.
- Machisa, Mercilene & Shamu, Simukai (2018). Mental ill health and factors associated with men's use of intimate partner violence in Zimbabwe. *BMC Public Health*, 18, 376 <https://doi.org/10.1186/s12889-018-5272-5>
- Madeiros, Alberto; Martins, Andréa Cronemberger; Sales, Ítalo Costa & Carvalho e Queiroz, Luma (2019). Violência física ou sexual contra a mulher no Piauí, 2009-2016. *J. Health Biol Sci.*, 7(3), 258-264. <https://doi.org/10.12662/2317-3076jhbs.v7i3.2417>
- Martins, Rosimeire de Carvalho (2010). *Jovens mulheres Vitimadas: abuso sexual, sofrimento e resiliência*. Juruá.
- Melillo, Aldo & Elbio, Néstor Suárez Ojeda (2005). *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Artmed.
- Minayo, Maria Cecíliade S. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. Hucitec
- Mulawa, Marta I.; Reyes, Henrique Luz McNaughton; Foshee, Vangie A.; Halpern, Carolyn T.; Martin, Sandra L.; Kajula, Lusajo J. & Maman, Suzanne (2018). Associations Between Peer Network Gender Norms and the Perpetration of Intimate Partner Vio-

- lence Among Urban Tanzanian Men: A Multilevel Analysis. *Prev Sci*, 19, 427-436. <https://doi.org/10.1007/s11121-017-0835-8>
- Neves, Anamaria Silva; Gomes, Layla Raquel Silva & Vidal, Lorena Candelori. (2014). Violência e família: possibilidades vincuativas e formas de subjetivação. *Psicologia Clínica*, 26(1), 33-45. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652014000100004>
- Nhi, Trần Tho; Hạnh, Nyguen Thi Thúy & Gammeltoft, Tine M. (2018). Emotional violence and maternal mental health: a qualitative study among women in northern Vietnam. *BMC Women's Health*, 18, 58 <https://doi.org/10.1186/s12905-018-0553-9>
- Oliveira, Lucas Nonato de; Oliveira, Fernanda Soares; Araújo, Lucian Matias; Silva, Luciano Lucindo da; Crispim, Zeile da Mota & Lucindo, Valéria Borges Domingues Batista (2017). Violência doméstica e sexual contra a mulher: uma revisão integrativa. *HOLOS*, 33(8), 275-284.
- Oliveira, Eleonora Menicucci; Barbosa, Rosana Machin; Moura, Alexandre Aníbal Valverde M. de; von Kossel, Karen; Morelli, Karina & Fernandes, Luciane Francisca. (2005). Atendimento às mulheres vítimas de violência sexual: um estudo qualitativo. *Rev. Saúde Pública*, 39(3), 376-382.
- Sanger, Nadia & Lynch, Ingrid (2018). 'You have to bow right here': heteronormative scripts and intimate partner violence in women's same-sex relationships. *Cult Health Sex*, 20(2), 201-217.
- Solnit, Rebecca (2017). *Os homens explicam tudo para mim*. Cultrix.
- Zuo, Xiayun; Lou, Chaohua; Gao, Ersheng; Lian, Qiguo & Shah, Iqbal H. (2018). Gender role attitudes, awareness and experiences of non-consensual sex among university students in Shanghai, China. *Reprod Health*, 15, 49 <https://doi.org/10.1186/s12978-018-0491-x>



EWERTON HELDER BENTES DE CASTRO

Prof. Dr. docente do curso de graduação em Psicologia e do Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, líder do Grupo de Pesquisa Psicologia Fenomenológico-Existencial, coordenador do laboratório de psicologia fenomenológico-existencial (Labfen). Autor de livros de pesquisa em psicologia fenomenológica. ewertonhelder@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>

FORMATO DE CITACIÓN

Castro, Ewerton H. B. de (2021). Violência sexual contra a mulher: diálogo fenomenológico. *Quaderns de Psicologia*, 23(1), e1633. <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1633>

HISTORIA EDITORIAL

Recibido: 21-04-2020

1ª revisión: 18-08-2020

Aceptado: 21-04-2021

Publicado: 30-04-2021